Ele suspirou, tomou mais um gole de café e disse como se estivesse sob efeito de algum estimulante: — Deixa a Frankensten rugir. — Vamo! O motor da Frankensten rugiu como uma fera, arrancando com uma aceleração brutal da cratera. O impulso da descida somou-se ao ímpeto da máquina, criando uma força de impacto impressionante. Num instante, incontáveis inimigos foram dilacerados pelo aríete da Frankensten. O tanque de guerra avançou direto sobre o comandante dos Ladrões de Genes, esfacelando em segundos a figura vestida como um comissário imperial, que empunhava um laser de mão. Sangue negro dos xenoideus cobriu os visores blindados. Taylor limpou parte com um pano à prova d'água, mas mais morte trouxe mais sangue, obstruindo novamente a visão. — Não pode reduzir! — Taylor gritou, praguejando. — Vou subir para observar. Siga minhas ordens! A Senhorita Katy respondeu com confiança: — Sim, chefe! Taylor escalou para fora, torso exposto, segurando sua espada militar e a pistola laser. Alguns soldados da Guarda Imperial ainda em combate o avistaram e começaram a gritar: — É o Leal! O Barão Imortal! — Pelo Trono, que honra ver seu semblante! — Ele matou um Tiranídeo com aquela lâmina... uma arma arrancada de um Machadoide! Meu Deus, é como uma lenda! — Irmãos, vamos sobreviver! Fogo, continuem atirando! Taylor não ouviu os comentários. Sua atenção estava totalmente focada nos malditos inimigos. Ergueu a espada, cortando com maestria as carapaças de alguns Ladrões de Genes puros que tentavam pular no veículo, enquanto guiava a Senhorita Katy. A sincronia entre os dois era quase sobrenatural, como se fossem feitos um para o outro. O tanque avançava entre a morte, e a simples presença de Taylor inflamou o moral dos soldados da Guarda Imperial, trazendo esperança. Apesar do Titã ainda avançar ao longe e dos híbridos dos Ladrões de Genes emergirem do solo, a luz do Imperador não abandonara este mundo. Milicianos locais e os Lanceiros Livres chegaram por fim, reforçando as linhas imperiais com fogo adicional e suprimentos. Mas Taylor não se iludia. O Titã ainda estava lá, os adeptos sombrios do Mechanicum também, e o plano de Dragan havia falhado. Sentia-se vazio, como se pisasse em algodão, os pés flutuando sobre uma ilusão de vitória. Mesmo assim, exibiu seu sorriso característico — aquele sorriso "leal" perfeito, moldado a ferro e fogo pelo velho Tycus. Oito dentes, brilhantes e devotos. Era como uma estátua viva, cumprindo seu dever. Até que os Ladrões de Genes se tornaram tantos que a Frankensten teve que parar. Nem seu motor sobrehumano e blindagem aguentariam aquela maré. E então, Taylor viu. À distância, uma multidão carregava um relicário dourado, adornado com relevos intrincados e lâmpadas cintilantes. Uma aura disforme de energia psíquica o envolvia. Sobre ele, uma mulher bela — mas calva, com protuberâncias quitinosas na testa e vestindo um manto pesado. Seu traje, um luxuoso vestido vermelho-acinzentado, lembrava o de um cardeal. Mas ela tinha quatro braços, cruzados em posição de oração, olhos fechados. O colarinho alto cobria parte de sua cabeça, mas aquilo não a protegeria de balas. Taylor, é claro, não tinha escrúpulos em campos de batalha. Velhos, crianças — não importava. Tudo poderia ser um disfarce xenoideu. Ergueu a pistola de plasma e atirou. Sem hesitar. Normalmente, o tiro seria interceptado por fanáticos ou desviado por campos de força. Mas, por algum capricho do destino, acertou. A cabeça da "santa" dissolveu-se em carne carbonizada. Por três segundos, o campo de batalha silenciou. Todos processando o que acontecera. Então, o caos. Os cultistas mais próximos lançaram-se sobre o cadáver, arrancando pedaços de carne, cabelos, ossos, urrando como feras. Os mais distantes olharam para Taylor, gritando epítetos: — Demônio! Assassino! Matador de Santos! Até que eram apelidos melhores que "Baron Imortal", que soava como algo entre vampiro e devoto de Slaanesh. Mas o ódio por trás das palavras era inegável. De repente, todo o campo de batalha voltou-se para Taylor. Os Ladrões de Genes perderam a razão, perseguindo a Frankensten com fúria cega. Taylor soltou um grito de desespero. Ele pensara que matar a líder causaria o colapso dos inimigos, como orks. Mas a realidade era outra: destruir ícones em guerras religiosas só inflama o ódio. Agora, havia uma boa e uma má notícia. A boa: a morte da santa deu à Imperium um respiro. A má: esse respiro custaria a vida de um infeliz. E esse infeliz era Taylor. Capítulo 98: Eu, Derrubar um Titã? (Parte 3) — O que ele fez?! O velho Tycus esfregava as têmporas, diante dos relatórios dos comandantes de campo. — O que ele fez para que todo o campo de batalha o persiga como se fosse um barril de pólvora aceso? — Ele sempre assim! — O velho comissário estava furioso. — Joga nossos planos no chão e ainda pisa em cima, só para garantir que

sua insanidade seja memorável. Uma soldada de Krieg, exausta, observou o mapa estratégico: — Mas ele também é um milagre. Uma variável. Uma possibilidade. Tycus revirou os olhos. — Nenhuma dessas é uma qualidade.— Nesse mundo cruel, você não vai querer mudar nada, não é mesmo? — Em qualquer lugar, as coisas deveriam continuar como antes. Mas você tem razão, ele é uma oportunidade. — Mas precisamos guiá-lo. Taylor sempre foi uma incógnita. — O jeito dele de lutar é como uma bomba fora de controle. Num instante, ele passa de soldado confiável pra um desastre natural — um tsunami ou terremoto — capaz de destruir tudo. — Ele diz que é por causa da sorte dele, mas eu acho que é o caráter que define isso. — Imprudente quando exagera, resistente quando surpreende. No fim, o bom e o ruim se misturam e viram ele — um sujeito capaz de dar dor de cabeça até ao Imperador. A Senhora Krieg soltou um som baixo e quase imperceptível. Se alguém encostasse no seu pesado respirador ou máscara de gás, poderia ouvir aquele sussurro que quase parecia uma risada. — Concordo — respondeu ela, sem emoção. O velho Taikess enfatizou: — Mas não podemos deixá-lo vir pro porto espacial! Da última vez, ele usou o "dom" dele pra jogar um monte de ladrões genéticos no posto de comando. Um coronel morreu por causa disso. — Naquela época, o Departamento de Suprimentos cortou nossos recursos em um terço. Não foi pouco. — Aqui temos vários oficiais leais. Pelo que sei, dessa vez ele vai ter que matar uns generais pra ficar satisfeito! Ele pensou por um momento antes de decidir: — Bombardeiem a linha de frente! — Ataquem os ladrões genéticos. Façam o Taylor pensar duas vezes antes de vir pra cá. Um dos oficiais hesitou: — Senhor... então pra onde o senhor quer que ele vá? Taikess sorriu: — Pra qualquer lugar. De preferência perto daquele Titã. A personalidade e a impulsividade dele vão fazer aquela coisa desmoronar com certeza. — Só não pode deixá-lo vir pra cá, senão estamos todos perdidos! — Disparem! Do outro lado, Taylor, nervoso, gritava pro irmão acelerar. As esteiras do Frankstein quase soltavam fumaça. Mas os ladrões genéticos — aqueles que o odiavam — não estavam dispostos a desistir. Os que tinham veículos os usavam; os outros corriam loucamente atrás. Se não fosse pelo fato de a maioria ser de infantaria, ele já estaria morto. — Recua, recua! — xingou. Pegou o binóculo e olhou na direção do porto espacial, esperando que a artilharia dos aliados ajudasse. Assim que o Frankstein se aproximou, pesadas granadas explosivas começaram a cair. — Volta, volta! Não era que Taylor fosse traiçoeiro ou instável. Ele simplesmente não esperava por aquilo. A boa notícia era que os artilheiros eram veteranos experientes. Apesar de não entenderem bem a missão, cumpriram-na com precisão e segurança. Quando as granadas explodiram perto do Frankstein, lançando alguns ladrões genéticos pelos ares, Taylor gritou para o veículo dar meia-volta e atropelar o resto. O casco blindado do Frankstein funcionou como um moedor de carne, esmagando os inimigos. Era difícil acreditar que, minutos antes, ele estivesse fugindo. A verdade é que Taylor tinha medo de armas pesadas. Além disso, os ladrões genéticos estavam vindo com tudo. Depois da carnificina, até os oficiais mais durões — e até mesmo Dragan, o Astarte do Caos que observava de longe — tiveram que admitir que aquela tática foi brilhante. Perseguição, emboscada, isca humana... Um ataque tão preciso e eficiente... Dragan franziu o cenho, preocupado com o fato de o Caos ter um inimigo tão perigoso. Mas eles não sabiam que aquelas granadas mal direcionadas — que nem deveriam ter acertado ninguém — foram o que deram coragem a Taylor. E aquela "isca humana"? Nada mais que um acidente causado pela impulsividade do coitado. Felizmente, o Frankstein estava imparável. Se não fosse pelas esteiras reforçadas e o motor superpotente — muito mais forte que o de um Chimera comum —, ele nunca teria conseguido atravessar aquele mar de corpos. Era como se zumbis nojentos se amontoassem na estrada, só pra serem esmagados por um caminhão pesado. O sangue cobriu o Frankstein todo, tingindo a escura liga imperial de um vermelho perturbador. Intestinos, olhos, fígados... Tudo que se possa imaginar estava espalhado pelo veículo. Dava pra montar uma pessoa nova só com o que grudou nele. Mas não sinta pena desses vermes. Eles traíram a humanidade e não são leais ao Imperador. Desde que seus genes foram corrompidos pelo Devorador de Mundos, eles deixaram de ser humanos. São apenas pecadores — e vão levar milhões de inocentes pro abismo junto com eles. Foi então que alguém gritou: — Esta é a provação antes da Ascensão! Matem esse demônio! A frase reacendeu o ódio dos ladrões genéticos, que mal tinham se recuperado do massacre. Mas quando olharam melhor, viram que quem gritara

era um Astarte do Caos. Sim, Dragan. Ele havia deixado a área do Titã e agora avançava como um fantasma pelas linhas de batalha, só pra ter a chance de matar Taylor. Se já não podia explodir o Titã, pelo menos queria se livrar daquele sujeito que o deixava inquieto. — Droga! — Taylor resmungou, ofegante. O Frankstein rangia, sobrecarregado. O motor estava no limite. Taylor rezou em voz baixa: — Por favor, meu querido... Vou te dar uma manutenção completa. Os tecno-sacerdotes vão cantar sobre tua força e a lealdade do teu espírito máquina. Mas, por favor... Ele olhou pra horda de ladrões genéticos e gritou: — Por favor, anda! O Frankstein pareceu ouvir. Suas saídas de escape soltaram fumaça preta, e o motor rugiu como se fosse um veículo novo. Vrum, vrum, vrum... O blindado avançou, deixando marcas no solo. Mas o caminho que tomaram não era menos perigoso que a horda de ladrões genéticos. Na verdade, era pior.

http://portnovel.com/book/29/4673